



HOMELESS
NUNO RAMOS

Nuno Ramos, born in 1960 in São Paulo, is a Brazilian artist, writer, playwright, and composer. His paintings and sculptural works carry a system of quotations that take up themes of Brazilian nationality, art history, social malaise, and intellectual tradition, always presented in tension with specific materialities, highlighting the physical implications of historical and semantic processes. The choice of materials is a central issue of his poetics, emphasizing the materiality of the world in the face of the making of meaning and vice versa, a situation that leads to the artist's statement that "art is in between the ground and utopia." In addition to numerous solo exhibitions in Brazil, Nuno Ramos also shows his works worldwide in group exhibitions and prestigious collections such as the Tate Modern (London), the Walker Art Center (Minneapolis), Inhotim (Brumadinho), the MAC USP (São Paulo), and the MAM Museum of Modern Art (São Paulo). In 1995, he represented his country at the Venice Biennale. His literary work has also received several awards, including the Portugal Telecom Prize for Ó (Editora Iluminuras, 2008). – E-mail: nunoramosemail@gmail.com.

acho que fui a Berlin me perder e me perdi mesmo
agora não há Kolleg ou Wissenschaft que me diga onde estou
em que parte do mundo, em que fuso

a cor do concreto do muro
não é a que eu me lembrava
e o lago gelado, em frente à Koenigsallee
visível sob cada um dos meus passos
guarda seus peixes, mensagens
num sóbrio segredo

piso de leve pra não despertá-los
não quero quebrar a superfície do gelo
não tenho mais olhos pra ler, ouvidos pra escutar
meu nome, não lembro os livros que li
nem as perguntas que fiz por aqui

ou estará tudo guardado
ainda sem tradução, dentro da unha
do sebo das minhas juntas
da cera no ouvido, do dente do siso
como acontece com o amor verdadeiro
ou, melhor, o amor de Coltrane
supremo?

pergunto à cachorra de pelo dourado
que lambe minhas mãos em São Paulo
Maria, uma pessoa da paz
com um medo de tempestades que a deixa feroz
pergunto meu nome, meu nome, Maria
diga meu nome e o que espera de mim
comida, Nuno, massagem
na pança, e os postes da vizinhança
num final de tarde

cimentaram a praça, Maria
roubaram os cabos de eletricidade
a chuva encheu a garagem
será isso voltar, secar
o chão, comer à luz de velas, tomar banho frio?
você vê meu sorriso, Maria, agradecido ao desastre?

agradeço à escala gulliveriana, rabelaisiana
pública, erótica, política, do desastre
peço ao antropoceno que seja, ao menos, completo
e leve tudo com ele, deixando o solo arrasado
o arroz estragado, museus cobertos de lama
e aquilo que reste, Maria, não seja jamais
como o quadro do Kiefer que vi em Veneza
pedante, retórico
como se o mundo fosse acabar numa colcha
bordada com cinzas e nomes
mas um anel de carne entre os homens
e os bichos, trocando suas vozes

fui a Berlin pra me perder, esse o meu Stipendium
meu fellowship, o cume do meu currículo
vitae, pra isso gastaram uma fortuna comigo
pra me ensinar a esquecer
a espessura da lombada de um livro

feita de uns restos de frase
dos fios pensos dos postes
do reboco dos muros que vi
caídos em Nápoli
das calçadas em que falava sozinho
abrindo os braços, durante a pandemia
a própria perspectiva, com suas linhas
nítidas, renascentistas
agora foge de mim

é isso estar sozinho, Maria, a rua foge de você

isso não é um poema
não é um desejo de morte
ao contrário, fui a Berlin pra me sentir amado
pra isso me deram um apartamento em frente a um lago
com anjos pendurados
essa é minha vingança e todo meu Wissenschaft
esse raio de luz que entra nos pássaros
occos, nos troncos
mortos, caídos em diagonais perfeitas
cobertos pela ferrugem das folhas
em suma – amado, amado

mas a expansão madura, serena, do mal
neste mundo, como um gás embaçando
os vidros do ônibus, na volta pra casa
de madrugada, ou o ruído dos trilhos
na Hauptbahnhof, onde alguém se jogou
ontem à tarde, e refugiados chegaram, em março
os olhos enormes, onde milícias mataram
civis, oitenta anos atrás
essa história sem cicatriz
que bate nos prédios da Potsdamer Platz
atravessam agora, como uma pedra, meus pensamentos

a paz de não falar alemão
de não entender o que dizem
esse deus protetor e benigno
que sempre esteve comigo
(podia escrever nos cafés, em Neukölln)
me abandona

meu português é perfeito
palavras entregam a senha
às sentinelas, e entram

boiando, essa a palavra
num homeless romeno
com quem divido moedas
em Halensee, São Paulo.

*

i came to Berlin to lose myself and lost myself indeed
now there is no Kolleg or Wissenschaft to tell me
in which time zone i am

the color of the wall is not the one i remember
and the frozen lake, in front of Koenigsallee
still visible under my steps,
keeps its fishes, messages
in a sober secret

i tread lightly not to awaken them
i don't want to break the surface of the ice
i can't remember the books I read, the questions i posed

or is everything kept
untranslated inside the fingernail
in the tallow of my joints
in the earwax, in the wisdom tooth
as happens in real love
or better yet, Coltrane's love, supreme?

i ask the golden-haired dog
that licks my hands in São Paulo
Maria, a peaceful person
with a fear of storms that makes her fierce
i ask my name, my name, Maria
say my name and what you expect from me
*food, Nuno, a belly
rub, and the neighborhood lamp poles
when the night comes*

they have cemented the square, Maria
and stolen the electric cables from my studio
the rain flooded the garage
is this what coming back means
to dry the floor, eat by candlelight, have a cold shower?
and do you see my smile, Maria, grateful to the disaster?

i thank the gulliverian, rabelaisian
public, politic, erotic scale of the disaster
i ask the anthropocene that it be complete
at least, and take everything with it
leaving the rice spoiled, museums covered in mud
and that whatever remains, Maria
never be like the Kiefer painting i just saw in Venice
pedantic, rhetoric, prophetic, well painted
as if the world were meant to end up in a quilt
embroidered with ashes and names
I hope it ends like a ring
of flesh among men and animals
exchanging their voices

i went to Berlin to lose myself
that was my Stipendium
my fellowship, the summit of my Curriculum Vitae
for that they spent a fortune on me
to teach me how to forget
the thickness of a book spine

made of remnants of sentences
of cables hanging from the grey poles
of the plaster on the walls I saw fallen down in Naples
of the sidewalks on which i talked to myself
during the pandemics, opening my arms like an opera singer
Perspective itself, with its clear renaissance lines
with its blueish atmosphere
now escapes me

this is being alone, Maria, the street escapes you

this is not a poem, not a death wish
just the opposite, i went to Berlin
to feel loved, for that they gave me an apartment
in front of a lake, with angels hanging from it
this is my revenge and all of my Wissenschaft
this ray of light that enters the hollow
birds, the dead
tree trunks, fallen in perfect diagonals
covered by the rust of the leaves
– loved, loved

but the mature, serene expansion of evil
like a gas fogging up the bus windows, returning home
early in the morning, or the noise on the train tracks
at Hauptbahnhof, where someone jumped this morning
and refugees arrived in March, the enormous eyes
where militias killed civilians eighty years ago
this history without a scar
that hits the glass buildings on Potsdamer Platz
break through my thoughts like a club

the peace of not speaking German
of not understanding what they say
this benign god who has always protected me
(i could write in the cafés, in Neukölln)
vanishes suddenly

my portuguese is perfect
words deliver the password
to the sentinels, and enter

i'm floating, that's the word
inside a homeless Romanian
with whom I share coins
in Halensee, São Paulo.

Translated by Angelica de Freitas